

Ensino de Leitura em Inglês no Ensino Médio: uma análise da atividade de leitura na escola e a sua relação com a comunicação mediada por novas tecnologias

Táise Figueira Motta

Mestranda em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês - USP

Resumo

A partir da observação de práticas para o ensino de leitura em inglês no ensino médio busca-se identificar a concepção de educação e de linguagem que fundamenta a proposta de letramento da escola.

A análise dessas práticas tem como objetivo investigar a (in) adequação da proposta de letramento realizada pela escola face às mudanças geradas a partir de novas tecnologias. Para tanto, emprega-se a abordagem qualitativa por entender que essa melhor corresponda aos objetivos desenhados pelas perguntas de pesquisa. A análise interpretativa das práticas está alicerçada nos pressupostos teóricos do letramento crítico, uma perspectiva sobre o processo de letramento, de cunho social e etnográfico que se consolidou nos anos de 1990, sob a denominação de *New Literacy Studies*.

Summary: The aim of this research is to observe the practices used to teach reading in English in high schools. We intend to identify the education and language conceptions underneath the practices in order to analyze how adequate the literacy proposal developed by the schools is, considering the changes generated by the information communication technologies (ICT). We have adopted the qualitative approach since it best corresponds to the objectives designed by the research. The data collected during the period of participant observation is analyzed through the lenses of Critical Literacy, a perspective on the literacy process based on sociological and ethnographical aspects that emerged in the 1990's based on research of scholars who belonged to a group named *New Literacy Studies*.

Introdução

Estudos recentes na área de letramentos (SOARES, 2003; LUKE & FREEBODY, 1997) têm problematizado os pressupostos das perspectivas psicológica e histórica que predominavam no campo de pesquisas de leitura nos anos de 1980 e têm apontado para uma nova concepção pedagógica para o ensino de leitura nomeada como ‘letramento crítico’. Trata-se de uma abordagem de cunho social e etnográfico consolidada na década de 1990 em países de língua inglesa por um grupo de pesquisadores pertencentes a um círculo denominado *New Literacy Studies*.

Este trabalho tem como objetivo indicar algumas características em comum observadas nas práticas de professores que ensinam leitura em inglês em duas escolas do ensino médio pesquisadas na cidade de São Paulo e interpretá-las à luz do letramento crítico.

Letramento Crítico

O letramento crítico, de acordo com Luke & Freebody (1997), é uma concepção de ensino de leitura que propõe submeter o texto a questionamentos que proporcionam ao leitor a percepção de como o texto constrói as representações da realidade, identificando a maneira como o leitor está posicionado, observando os interesses subjacentes às idéias do autor, os pontos de vista defendidos e os argumentos silenciados por ele. Essa concepção compreende a leitura como uma prática social de construção de sentidos, oferecendo ao leitor elementos práticos que possibilitam a resistência à interpelação ideológica criada pelos discursos, recursos que questionam as condições históricas e discursivas dentro das quais o texto foi produzido, disponibilizando alternativas para que

o leitor se repositone diante dos apelos criados pela ideologia e materializados na linguagem.

Considerando que as práticas de leitura estão atreladas a relações políticas e de poder, as mensagens veiculadas através de textos funcionam em parte, para informar, mas também não se pode ignorar que servem como meio para persuadir, promover ideologias e defender interesses particulares.

Em suma, essa concepção teórica adotada na pesquisa aponta aspectos do texto que não se limitam à prática tradicional de leitura entendida como mera decodificação mecânica e técnica de símbolos gráficos, na qual se busca o sentido das palavras e frases, práticas recorrentes instituídas pelo modelo psicológico, amplamente utilizado pelas escolas. Ao contrário, o letramento crítico postula que a simples decodificação de frases e palavras não assegura a compreensão do texto, pois caso o leitor não possua os recursos discursivos e intertextuais adquiridos previamente na comunidade lingüística de socialização, há grandes chances de a construção de significados no momento da leitura ficar comprometida, pois as ferramentas requeridas para a construção de sentidos estão fora de seu contexto social e cultural.

Metodologia de Pesquisa

A pesquisa emprega a abordagem qualitativa, por entender que esta melhor corresponda aos objetivos da investigação. Por se tratar de um trabalho que tem como propósito identificar, a partir das práticas adotadas pelo professor, a concepção de linguagem e de educação que fundamenta a proposta de letramento da escola, a participação da pesquisadora na realidade da sala de aula é um procedimento requerido. A partir da

convivência com essa realidade, a descrição das práticas observadas em sala de aula tem como finalidade fornecer o suporte teórico, ou seja, as práticas fundamentam a teoria que, desta maneira, dialogam numa relação dialética.

Um dos procedimentos utilizados para a coleta de dados são as anotações em diário, resultado da observação participante. A partir dessas anotações destacam-se questões relevantes a serem aprofundadas em entrevistas com o professor, gravadas em áudio. Também é utilizado um questionário, respondido pelos alunos, no intuito de obter a descrição a respeito das atividades de leitura desenvolvidas na escola e a leitura de textos realizada por esses alunos na internet. Durante oito semanas foram coletados dados em salas de aula do 1º, 2º e 3º anos do ensino médio de duas escolas – uma pública e outra privada. A faixa etária dos alunos varia entre 15 e 17 anos e em sua maioria, pertencem às classes trabalhadora e média, segundo informações fornecidas pelas escolas.

Análise de algumas práticas de leitura

As observações realizadas nas duas escolas apresentam práticas recorrentes que indicam em seus rastros concepções de educação e de linguagem semelhantes.

A maneira como os textos são utilizados nas aulas de leitura carrega uma visão instrucional e institucional que constitui formas tradicionais de regular a construção e a distribuição do conhecimento.

Algumas dessas características estão presentes em exercícios de leitura fundamentados na identificação e na recuperação de informação contidas no texto, práticas que reforçam uma forma de conceber o conhecimento independente do sujeito. Em atividades desenvolvidas sob esses critérios pedagógicos, a resposta requerida pelos exercícios está

explicitamente apresentada no texto e há pouca ou nenhuma informação concorrente. Ao leitor/aluno cabe fazer a simples conexão de informações contidas no texto, como por exemplo, “Localize no texto os correspondentes em português a...” ou “Traduza as seguintes *question words*” ou “*Complete the sentences according to the text*”. Os exercícios limitam o aluno a reproduzir palavras ou frases transportadas do texto para os espaços em branco destinados às respostas para as perguntas formuladas; também são freqüentes os exercícios que solicitam aos alunos escrever termos correspondentes em português para palavras em inglês em enunciados como “*Give the translation of the words*”. Exercícios com essas características abarcam práticas tradicionais utilizadas no ensino de línguas, que conforme explica Máscia (2002, p. 129), têm suas raízes alicerçadas na Europa, cujo método, utilizado para o ensino de línguas mortas (latim e grego) está estruturado na gramática e na tradução, adotando uma concepção de aprendizagem fundamentada na transmissão cultural, no qual o papel desempenhado pelo professor é o de instrutor.

Luke & Freebody (1997, p. 186), ao estudarem a questão da leitura e dos efeitos da colonização britânica na Austrália, ajudam a identificar nessas práticas ressonâncias do modelo básico de letramento adotado no século XIX durante o período colonial, quando era comum a utilização de exercícios que empregavam o reconhecimento de palavras e que se pautavam na leitura em voz alta, outra prática recorrente observada durante a coleta de dados. Essas práticas, adotadas nos dias de hoje nas salas de aula brasileiras, carregam traços neocoloniais, pois os alunos são submetidos a exercícios de repetição, reproduzindo conhecimentos descontextualizados e distantes de sua realidade, conforme indicado a seguir em um recorte enunciado pela professora:

“Então nós vamos ler o texto. Eu vou ler a primeira vez, em seguida cada aluno vai ler um parágrafo, OK? (...) Prestem atenção, pois em seguida vocês terão 5 minutos para fazer a parte do glossário, onde vocês vão preencher com o significado [a tradução] de alguns termos utilizados no texto”.

Embora a leitura em voz alta pareça um exercício anacrônico, já que atualmente, em geral, a leitura é feita com os olhos e não com os lábios, ela é uma prática que se manifesta como uma regra em quase todas as aulas em que a pesquisadora esteve presente. O exercício de leitura em voz alta, cuja finalidade é a de enfatizar questões de entoação e de pronúncia (correta/incorrecta), pode aludir a um exercício de exegese bíblica, uma prática que além de concentrar-se na pronúncia, também oferece a oportunidade para a introdução de glosas, manifestadas com o objetivo de comentar alguma expressão ou palavra cujo significado seja desconhecido; nessas intervenções, a prática da professora identifica-se com a de exegeta, no sentido de esclarecer o significado de termos obscuros em inglês, através da tradução para o português. Ao relacionar o professor de línguas ao exegeta, considera-se que, geralmente, costuma-se exigir do professor de língua estrangeira a mesma condição prévia requerida ao trabalho exegético das escrituras sagradas: o conhecimento das respectivas línguas envolvidas no processo de leitura/interpretação de um texto. A fim de reiterar a analogia estabelecida entre o professor de línguas e o exegeta, não se deve ignorar a questão do poder que a instituição escolar confere ao professor no contexto social da sala de aula. Bourdieu (1996a) assinala que dentro do mercado lingüístico este poder simbólico concede um valor mais elevado à interpretação do professor se comparado à de um aluno, devido à legitimação outorgada pela instituição ao seu representante autorizado. Dentro da

perspectiva do letramento crítico, essa posição de poder ocupada pelo professor dentro da instituição escolar lhe garante definir o significado correto de determinado termo ou a resposta aceitável para determinada pergunta, enquanto o aluno é posicionado de maneira a acatar a escolha do professor. Essas práticas demonstram como a leitura nos moldes como é realizada nas escolas pesquisadas reflete relações desiguais de poder presentes na sociedade.

A prática da leitura em voz alta adotada como justificativa para aprimorar a pronúncia é um procedimento que deve ser problematizado, pois o objetivo da atividade de leitura envolve habilidades que vão bem além desse aspecto lingüístico e instrumental. Por exemplo, um aluno submetido a tal tarefa pode se sentir inseguro na articulação de determinadas palavras desconhecidas ou mesmo conhecidas, relegando a compreensão e a construção de sentidos para uma etapa posterior que, pode, inclusive, nem emergir. Não se pretende afirmar que o aprendizado de inglês não deva incluir exercícios de produção oral, porém, em um contexto no qual o objetivo é a leitura, entende-se que essa preocupação não mereça tamanho destaque e ênfase.

As escolas, em geral, partem do pressuposto de que ler é um processo natural e de que o texto é a única fonte de sentido, a partir do qual o papel do leitor restringe-se a acionar um conjunto de conhecimentos prévios para decifrar palavras e frases, desvelando, assim, um sentido contido no texto, características próprias do modelo psicológico de leitura. Em se tratando de um texto em língua estrangeira, a atividade de decodificar as palavras conhecidas e desvendar o significado daquelas desconhecidas é ainda mais enfatizado. Desta maneira, o leitor é posicionado diante do texto a fim de acionar esquemas cognitivos, supostamente familiares e comuns a todos os leitores de modo a chegar ao

sentido construído pelo autor. Partindo desse ponto de vista, a escola ignora a diversidade cultural que constitui a identidade dos alunos, desprezando os recursos intertextuais e discursivos que eles trazem de suas comunidades de socialização e que são influenciadas por fatores culturais, envolvendo uma série de diferenças geradas por contingências econômicas e étnicas, entre outras, que interferem diretamente no significado atribuído ao texto.

As práticas de leitura adotadas pelas escolas investigadas demonstram características logocêntricas, termo adotado por Derrida (1978), para criticar a idéia de que na sociedade ocidental existe uma tendência a privilegiar o *logos*, ou seja, a palavra e seu significado fixo e determinado e por conseqüência, valorizar o conhecimento racional e absoluto, o que quer dizer que os significados são dados *a priori*, independentes do sujeito e da história. Desse modo, a leitura é vista como uma forma de recuperar um significado estável e presente no texto, criado a partir de uma escrita linear e encadeada, garantindo uma pretensa neutralidade e universalidade na representação de conhecimentos objetivos, atemporais, válidos para todos os contextos em todos os tempos.

A leitura de textos nos moldes como desenvolvido nas escolas pesquisadas promove uma maneira particular de ler que, segundo Bourdieu (1996b, p. 233), pode ser chamada de “estrutural, a leitura interna que considera um texto nele mesmo e por ele mesmo, o que o constitui como auto-suficiente e procura nele mesmo a sua verdade, fazendo abstração de tudo que está ao redor”. Esse procedimento pedagógico tem como função uma universalização no modo de ser e de pensar dos alunos, buscando a homogeneização das diversas culturas em conflito na sala de aula.

Conclusão parcial e provisória

O procedimento institucionalizado pelas escolas investigadas e materializado nas práticas das professoras para o ensino de leitura em inglês fundamenta-se em práticas tradicionais, promovendo exercícios de repetição e de reprodução de conhecimento, ignorando as mudanças ocorridas na sociedade em decorrência das novas tecnologias. As práticas demonstram-se inadequadas às necessidades requeridas pela sociedade atual em que os sujeitos são posicionados a fazer escolhas, atitude que requer o desenvolvimento do senso crítico no sentido social atribuído por Freire (1974), concepção que avalia o texto e sua relação com as ideologias e valores promovidos pela sociedade, o que significa problematizar as realidades construídas pela linguagem, pois é através dela que as relações de dominação e de exclusão se cristalizam, mas também é importante enfatizar que é por meio da linguagem que essas relações são negociadas, produzidas e reproduzidas.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, P. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996a.
- _____. A leitura: uma prática cultural. *In*: CHARTIER, R. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996b, p. 231-253.
- DERRIDA, J. Structure, Sign and Play in the Discourse of the Human Sciences. *In*: _____. **Writing and Difference**. UK: The Gresham Press, 1978.
- FREIRE, P. **Education for Critical Consciousness**. London: Sheed and Ward, 1974.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. *In*: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.)

Letramento no Brasil: reflexões a partir do Inaf 2001. São Paulo: Global/Ação Educativa, 2003.

LUKE, A. e FREEBODY, P. Shaping the social practices of reading. *In*: MUSPRATT,

S.; LUKE, A. & FREEBODY, P. (orgs.) **Constructing critical literacies: Teaching and learning textual practice.** St. Leonards, Sydney: Allen & Unwin, 1997, p. 185-225.

MÁSCIA, M. **Investigações discursivas na pós-modernidade:** uma análise das relações de poder-saber do discurso político educacional de língua estrangeira. Campinas: Mercado de Letras, SP: Fapesp, 2002.